

“Uma ajuda externa que chegue a tempo é muito menos provável no curto prazo depois do anúncio de que as eleições são em Junho”

Douglas Renwick

DIRECTOR DA FITCH PARA O MERCADO EUROPEU, ONTEM, A JUSTIFICAR NOVA DESCIDA DO RATING

Os investidores estrangeiros com dívida portuguesa desataram a vender tudo o que tinham em Maio, daí os juros não pararem de subir

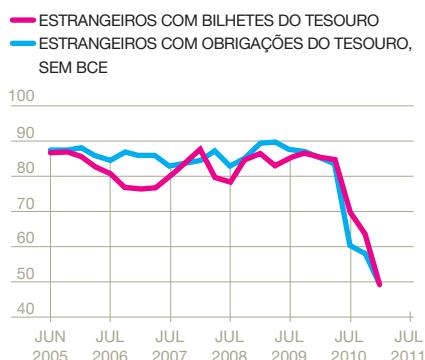
REUTERS

BES E BCP “SHORTADOS” No olhar da Explorers a Portugal, a análise foca outro ponto. Segundo os dados de mercado citados, a maioria das acções disponíveis do BES e do BCP estão nas mãos de investidores de curto prazo. “Não há sinais de que os fundos estejam a cobrir as posições ‘curtas’ no BES, o que mostra que 4% do total de acções estão emprestadas, ou seja, quase 50% do que está disponível”. Mas a tendência está a inverter. “O lado positivo é que os fundos que emprestam acções compraram 12 milhões de acções nas semanas recentes, por isso o sentimento é misto”. Já no BCP o “short selling” está a subir e chega a 8% do total de acções, diz a Explorers. Contudo, a tendência também está a virar. Os fundos que emprestam as acções começaram a tomar uma posição contrária com o anúncio de aumento de capital. “Compraram 80 milhões de acções desde Janeiro”, diz ainda a Data Explorers.

O “short selling” permite apostar que o valor de uma acção vai cair. O investidor pede uma acção emprestada – que pagará no dia X, à cotação do dia. Antes do dia, o investidor vende a acção a um terceiro. Se conseguiu vendê-la por 6 euros e no dia X ela vale 4 euros, ganhou.

Obrigações e Bilhetes do Tesouro em mãos estrangeiras

EM PERCENTAGEM



FONTE: BARCLAYS CAPITAL E BANCO DE PORTUGAL

FMI: “Ainda existe um governo em Portugal”

O Fundo Monetário Internacional salientou que os maiores partidos portugueses apoiam os objectivos de redução do défice acordados entre a UE e o PS e sublinhou que o país continua a ter um governo, mesmo em gestão. “Ainda existe um governo em Portugal”, frisou a porta-voz.

8,6%

O novo valor do défice para 2010 – que já foi de 7,1%, depois de 6,9% e acabou nos 8,6%, isto em mês e meio – complica o objectivo de redução do défice para 4,6% este ano. Quatro pontos percentuais do PIB são cerca de 6,8 mil milhões de euros em cortes, num ano.

“Portugal está numa situação difícil e as autoridades vão precisar de continuar a desenvolver esforços para reduzir o défice”

Caroline Atkinson

PORTE-VOZ DO FMI

Euribor vai subir dia 7. Periféricos do euro vão sofrer

Nouriel Roubini acha que a taxa de juro da zona euro vai subir três vezes até ao final do Verão, altura em que deverá ficar então em 1,75% – os “saltos” são normalmente de 0,25 pontos. A subida do valor do dinheiro poderá danificar as economias dos periféricos. O BCE reúne dia 7 de Abril.

Em detalhe

Como vão os ratings dos periféricos

GRÉCIA

A Fitch avalia a Grécia um degrau abaixo de Portugal, estando no BB+. Já a S&P e a Moody's avaliam os gregos em BB- e B1, respectivamente. Os CDS a 5 anos (seguros contra incumprimento) estão em 1005 pontos.

IRLÂNDIA

Com a revisão feita ontem a Portugal ficámos pior avaliados que a Irlanda aos olhos da Fitch (BBB+ contra BBB- de Portugal). Os CDS sobre dívida irlandesa a 5 anos estão nos 616 pontos

PORTRUGAL

Além do corte feito pela Fitch para BBB-, as restantes avaliações portuguesas estão em BBB- e A3, pela S&P e Moody's. Os CDS a 5 anos estão nos 565 pontos.

ESPAÑHA

Para a Fitch, os espanhóis estão AA+, ou seja, cinco níveis acima de Portugal. Os CDS espanhóis cotavam nos 219 pontos.

ITÁLIA

As agências avaliam Itália um degrau abaixo dos espanhóis. Para a Fitch, são AA-, para a Standard&Poor's são A+ e na visão da Moody's chegam a Aa2. Os CDS rondam os 150 pontos.

Outra vítima da crise política. Marcação de eleições provoca novo corte no rating

Numa só semana, a agência de rating Fitch cortou a classificação da dívida portuguesa cinco níveis

Pela segunda vez a crise política nacional precipitou um corte da notação financeira da República Portuguesa pela Fitch. Há uma semana tinha sido o pedido de demissão do primeiro-ministro, ontem foi a marcação de eleições pelo Presidente da República a influenciar a agência de rating a avançar com o downgrade de Portugal em três níveis, ficando apenas a um de ser considerado lixo (investimento especulativo).

A Fitch baixou assim o rating de A- para BBB-, justificando a revisão com a necessidade de Portugal recorrer a ajuda externa para “suportar a credibilidade da consolidação orçamental e os esforços de reforma económica”, e a demissão do governo e a realização de eleições tem o efeito de atrasar o recurso ao Fundo Europeu de Estabilização Financeira (FEEF).

“A severidade do downgrade de três níveis reflecte sobretudo a preocupação da Fitch de que um pedido de ajuda externa é agora menos provável no curto prazo depois do anúncio, ontem, da realização de eleições a 5 de Junho”, explica Douglas Renwick, director da Fitch para o mercado europeu, na nota enviada às redacções.

De facto, em declarações ao i na quinta-feira, Renwick tinha dado a entender que a agência de rating ainda esperava que Cavaco conseguisse encontrar algum tipo de solução que evitasse a dissolução da Assembleia. “Seria positivo se um pacote de resgate fosse acordado antes do pagamento de Junho e ainda não é certo que isso não aconteça. Estamos à espera de saber se o Presidente [Cavaco Silva] não convoca eleições e se é encontrada outra solução”, afirmava o analista ao i.

Mas nem só de crise política vive esta descida de rating. Outro factor apontado pela Fitch é a revisão do valor do défice e da dívida anunciada pelo INE. O défice de 2010 foi colocado nos 8,6%, devido ao impacto dos buracos do BPN e do BPP, bem como às necessidades de financiamento das empresas públicas de transportes, enquanto a dívida disparou para 92,4%. “[Esta revisão] enfraqueceu ainda mais o perfil orçamental português e sublinha a magnitude do desafio de consolidação que o novo governo vai enfrentar”, refere o comunicado da Fitch, acrescentando que um novo plano de austeridade apenas deverá ser implementado no terceiro trimestre deste ano, o que pode pôr em risco a meta de 4,6% do PIB para o défice de 2011. Olhando para a frente, o cenário não é melhor. A Fitch manteve o “aviso negativo”, o que indica “uma probabilidade intensificada de um downgrade a curto prazo”, refere a agência.

Alguns analistas têm questionado a velocidade destes downgrades, duvidando que a situação de um país possa mudar tanto em tão pouco tempo. Apenas numa semana, Fitch e Standard & Poor's (S&P) cortaram o rating de Portugal cinco e três níveis, respectivamente.

Ontem, depois de ter avisado que podia responsabilizar as agências pelos erros de avaliação, o CE recuou, garantindo que “não está aqui para banir as agências”. Uma declaração que surge depois de as agências de rating terem, segundo a Reuters, ameaçado deixar de classificar algumas dívidas soberanas. Nuno Aguiar

A convocação de eleições vai atrasar o recurso de Portugal à ajuda externa, o que motivou o corte

A Fitch ainda manteve a previsão em negativo, indicado “a hipótese de novo downgrade a curto prazo”